

Hermenêuticas do Uno
Templo/s, Deus/es/as e Religiões na Judá do Período do Ferro (Parte 1)

Hermeneutics of the One
Temple/s, God/dess/es and Religion/s in Iron Age Judah (Part 1)

*Silas Klein Cardoso*¹

Resumo: O artigo desenvolve o conceito de “Hermenêuticas do Uno”, concebido como instrumento crítico para evidenciar os condicionamentos hermenêuticos que moldam a interpretação da religião judaíta durante o Período do Ferro. O objetivo geral é demonstrar como uma hermenêutica focada na unicidade estrutura práticas interpretativas modernas, sustentadas por racionalidades comparatistas e evolutivas, que enquadram a interpretação da religião do antigo Israel. Especificamente, examinam-se (a) a influência dessas categorias nas ciências da religião e na exegese bíblica; (b) seus efeitos sobre a classificação de evidências textuais, epigráficas e iconográficas; e (c) as alternativas analíticas derivadas da pluralidade dos dados. Metodologicamente, o estudo combina crítica historiográfica e epistemológica com leitura integrada de registros materiais e bíblicos. Conclui-se que o paradigma do Uno mascara a heterogeneidade cultural judaíta e propõe-se uma hermenêutica plural e não linear.

Palavras-chave: Unicidade; Religião judaíta; Hermenêutica; Epigrafia; Iconografia.

Abstract: The article develops the concept of “Hermeneutics of the One” as a critical tool to reveal the hermeneutical conditionings that shape interpretations of Judahite religion during the Iron Age - corresponding to the period portrayed in the Hebrew Bible and located in the ancient southern Levant (modern Israel, Jordan, and Palestine) during the first millennium BCE. The general aim is to demonstrate how a hermeneutic focused on unity structures modern interpretive practices, sustained by

¹ Livre-docente em Teologia Protestante (Univ. Berna) e doutor em Ciências da Religião (Umesp). Professor de Antigo Testamento e Ciências das Religiões na Faculdade Unida de Vitória/ES, Brasil, e pesquisador associado nas universidades de Berna e Zurique. Uma versão preliminar em língua inglesa deste texto foi aceita como *Habilitationsvortrag* em 26 de setembro de 2024 na Faculdade de Teologia da Universidade de Berna. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8266-8693>.

comparativist and evolutionary rationalities, which frame the interpretation of ancient Israel's religion. Specifically, it examines (i) the intellectual origins of these categories in Religious Studies and biblical exegesis; (ii) their effects on the classification of textual, epigraphic, and iconographic evidence; and (iii) the analytical alternatives emerging from data plurality. Methodologically, it combines historiographical and epistemological critique with an integrated reading of material and biblical records. Findings show that the unity paradigm obscures Judahite cultic diversity, calling for a plural and non-linear hermeneutics.

Keywords: Oneness; Judahite religion; Hermeneutics; Epigraphy; Iconography.

Introdução

Este é o primeiro de dois artigos que visam introduzir o conceito que intitulo “hermenêuticas do Uno”. Conceitos são fabricados enquanto funções de problemas. Isso significa que eles são constituídos por uma junção de questões, o que, por sua vez, implica a associação de uma série de elementos desiguais que, de alguma maneira, formam um todo novo e coerente. Dessa forma, conceitos revelam pontos particulares de fricção, condensação ou ebulição intelectual que explicam ao passo que reinterpretem problemas previamente identificados².

Tal clarificação é necessária para discutir o assunto em questão. A imaginação da religião judaíta no período do Ferro – época comumente associada ao “universo bíblico”, i.e., às histórias bíblicas veterotestamentárias³ – é permeada, se não estruturada, por ideias de unicidade. A unicidade de lugar, também chamada “centralização do culto”, e a centralização de uma divindade, também chamada “monolatria” ou “monoteísmo”, estão entre os mais explorados temas na exegese bíblica e história da religião israelita/judaíta antiga⁴. Elas são utilizadas, na exegese bíblica

² DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *What is philosophy?* New York: Columbia University Press, 1994. p. 15-34.

³ O conceito de “mundo bíblico” e correlatos possuem certas limitações, que precisam ser observadas e consideradas em sua aplicação. Veja p.ex. HUNZIKER-RODEWALD, R. “Biblical World”: diversity within unity: female Iron Age faces in Palestine/Israel. In: FINSTERBUSCH, K.; LANGE, A. (org.). *What is Bible?* Leuven: Peeters, 2012. p. 131-149; KLEIN CARDOSO, S. Para desvendar o mundo bíblico: entre linhas e pressupostos. In: LEONEL, J.; CARNEIRO, M. da S. (org.). *Para estudar a Bíblia: abordagens e métodos*. São Paulo: Recriar, 2021. p. 83-111; UEHLINGER, C. Beyond the “Biblical World” Paradigm: Reflections on a Problematic Concept. In: BIERMANN, B.; KLEIN CARDOSO, S.; PORZIA, F.; UEHLINGER, C. (org.). *Challenging Dichotomies and Biases in the Study of the Ancient Southern Levant*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2024. p. 129-146.

⁴ Há uma infinidade de estudos sobre a centralização do culto (p.ex., GIFFONE, B. D. *Storymaking, textual development, and varying cultic centralizations: gathering and fitting unhewn stones*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2023; RHYDER, J. *Centralizing the cult: the holiness legislation in Leviticus*

de orientação histórico-crítica, como âncoras para datar tradições bíblicas ou, nas Ciências das Religiões, como conceitos globais abrangentes para classificar religiões do planeta e tradições religiosas dentro a área de Teologia e Ciências das Religiões⁵. Na cultura popular contemporânea, essas ideias são igualmente fundamentais. A ideia de um único e verdadeiro DEUS opera, por um lado, como pilar de três grandes tradições religiosas globais e, por outro, está incorporada a locais sagrados, que assumem simultaneamente o papel de locais de culto, disputa e violência⁶, impactando a imaginação e psiquê nos âmbitos pessoal e social⁷.

Ainda assim, a *predominância de ideias de unicidade na interpretação desse sistema religioso antigo* não foi suficientemente problematizada. Isso é particularmente importante pois, além da centralidade do tema no campo de estudos e na cultura, uma gama de estudiosos(as) tem reavaliado os condicionamentos e motivações da implementação da ideia de unicidade divina na antiga sociedade judaíta sem dar, talvez, a atenção devida a suas próprias pressuposições e ao seu aparato de conhecimento⁸. Assim, essas pessoas pesquisadoras geralmente pressupõem a factualidade da unicidade, tentando historicizar ou datar suas origens, sem antes perguntar se tal unicidade alguma vez se materializou. Este primeiro artigo, nesse sentido, descreve as questões desiguais, mas coerentes que compõem as “hermenêuticas do Uno”. O segundo artigo dessa série discutirá a questão a partir de novas

17-26. Tübingen: Mohr Siebeck, 2019), *yhwh* (p.ex., FLEMING, D. E. *Yahweh before Israel: glimpses of history in a divine name*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021; FLYNN, S. W. *A story of YHWH: cultural translation and subversive reception in Israelite history*. London: Routledge/Taylor & Francis Group, 2020; LEWIS, T. J. *The origin and character of God: ancient Israelite religion through the lens of divinity*. New York: Oxford University Press, 2020; OORSCHOT, J. van; WITTE, M. (org.). *The origins of Yahwism*. Berlin: De Gruyter, 2017) e monoteísmo (p.ex. DE HULSTER, I. J. *Figurines in Achaemenid Period Yehud: Jerusalem's history of religion and coroplastics in the monotheism debate*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2017; MACDONALD, N. *Deuteronomy and the meaning of monotheism*. 2nd ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2012; SCHAPER, J. *Media and Monotheism*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2019).

⁵ MASUZAWA, T. *The invention of world religions – or, How European universalism was preserved in the language of pluralism*. Chicago: University of Chicago Press, 2005; STROUMSA, G. G. *The Idea of Semitic Monotheism: The Rise and Fall of a Scholarly Myth*. Oxford: Oxford University Press, 2021.

⁶ GREINER, A. L. Sacred Space and Globalization. In: BRUNN, S. D. (org.). *The Changing World Religion Map: Sacred Places, Identities, Practices and Politics*. New York: Springer, 2015. p. 363–379. p. 370.

⁷ Veja, p.ex., o chamado “Efeito de Jerusalém” em SWENSON, E. Archaeological Approaches to Sacred Landscapes and Rituals of Place Making. In: BRUNN, S. D. (org.). *The Changing World Religion Map: Sacred Places, Identities, Practices and Politics*. New York: Springer, 2015. p. 477–502. p. 496.

⁸ P.ex., SCHAPER, 2019; DIETRICH, J. Monotheismus Sieben Gründe für die Entstehung einer monistischen Denkform im Alten Testament. *Zeitschrift für altorientalische und biblische Rechtsgeschichte*, v. 29, p. 83–103, 2023.

perspectivas críticas e da análise de algumas evidências desse contexto histórico e cultural.

1 Ecos de uma revolução silenciosa

1.1 Algo antigo com algumas coisas novas

Nas últimas décadas, o campo de estudos conhecido como “história da religião israelita antiga” tem experimentado uma mudança significativa que, em vista de sua ênfase não-verbal, foi chamada de “revolução silenciosa”⁹. Tudo começou nos anos 1980, quando pesquisadores(as) começaram a incluir sistematicamente as chamadas fontes “extrabíblicas” ou “parabíblicas” em suas reconstruções¹⁰. Apesar de sua abordagem não ser programática, as inquietações que desencadearam o movimento possuíam um fio condutor coerente. Em vista da implementação de um programa nacional israelense de arqueologia¹¹ e seus desenvolvimentos pós-Guerra dos Seis Dias¹², pesquisadores(as) do campo ficaram descontentes com as abordagens hipotéticas da chamada alta crítica bíblica¹³ utilizadas em

⁹ KLEIN CARDOSO, S. Liminal Device \s. In: MÜNGER, S.; RAHN, N.; WYSSMANN, P. O. (org.). „Trinkt von dem Wein, den ich mischte!“ Festschrift für Silvia Schroer zum 65. Geburtstag. Leuven: Peeters, 2023a. p. 270–286; KLEIN CARDOSO, S. Loosening religion. O que torna um artefato “religioso” na história da religião sul-levantina? *Reflexão*, v. 48, n. e237246, p. 1–21, 2023b.

¹⁰ ALBERTZ, R. *Religionsgeschichte Israels in alttestamentlicher Zeit*. 2. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1996; HOLLADAY JR., J. S. Religion in Israel and Judah Under the Monarchy: An Explicitly Archaeological Approach. In: MILLER, P. D.; HANSON, P. D.; MCBRIDE, S. D. (org.). *Ancient Israelite religion: essays in honor of Frank Moore Cross*. Philadelphia: Fortress Press, 1987. p. 249–299; KEEL, O.; UEHLINGER, C. *Gods, goddesses, and images of god in ancient Israel*. Tradução: Thomas H. Trapp. Edinburgh: T&T Clark, 1998; TIGAY, J. H. Israelite Religion: the onomastic and epigraphic evidence. In: MILLER, P. D.; HANSON, P. D.; MCBRIDE, S. D. (org.). *Ancient Israelite religion: essays in honor of Frank Moore Cross*. Philadelphia: Fortress Press, 1987. p. 157–194.; ZEVIT, Z. *The religions of ancient Israel: a synthesis of parallactic approaches*. London: Continuum, 2001.

¹¹ GREENBERG, R.; HAMILAKIS, Y. *Archaeology, Nation, and Race: Confronting the Past, Decolonizing the Future in Greece and Israel*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022; KLETTER, R. *Just Past? The Making of Israeli Archaeology*. London: Routledge, 2006.

¹² CLINE, E. H. *Biblical archaeology: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2009; DAVIS, T. W. *Shifting sands: the rise and fall of Biblical archaeology*. Oxford : Oxford University Press, 2004; DAVIS, T. W. History of Research. In: STEINER, M.; KILLEBREW, A. E. (org.). *The Oxford handbook of the archaeology of the Levant: c. 8000-332 BCE*. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 35–43.

¹³ Como oposto à “crítica empírica”. Veja PERSON, R. F.; REZETKO, R. (org.). *Empirical models challenging biblical criticism*. Atlanta: SBL Press, 2016a; TIGAY, J. H. (org.). *Empirical Models for Biblical Criticism*. Eugene: Wipf & Stock, 1985. Observe que, originalmente, Tigay buscou fornecer uma base empírica que justificasse os métodos centrais do método histórico-crítico, as críticas de fonte e redação, e seu principal resultado, a Hipótese Documentária. No entanto, com o tempo, os resultados e a prática de fato apontaram para outra direção, desafiando a própria eficácia desses dois métodos. PERSON, R. F.; REZETKO, R. introduction: The importance of Empirical models

reconstruções e passaram a buscar uma “abordagem explicitamente arqueológica”¹⁴. Esses desenvolvimentos resultaram em importantes redirecionamentos, como a (re)hierarquização de fontes (agora chamadas pelo nome seco de “dados”)¹⁵, a integração sistemática de dados materiais e visuais¹⁶ e a atenção a teorias críticas e preocupações contemporâneas¹⁷.

to assess the Efficacy of source and redaction criticism. In: PERSON, R. F.; REZETKO, R. (org.). *Empirical models challenging biblical criticism*. Atlanta: SBL Press, 2016b. p. 1–35. Nesse sentido, é um desenvolvimento interessante o fato de que alguns autores, antes focados em métodos empíricos, decidiram abandonar essa perspectiva e praticar a crítica bíblica hipotética digital. Veja, p.ex., BÜHLER, A. *et al.* Exploring the Stylistic Uniqueness of the Priestly Source in Genesis and Exodus Through a Statistical/Computational Lens. *Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft*, v. 136, n. 2, p. 165–190, 2024b. Contudo, se a crítica de fontes já possui metodologia circular (i.e., a fonte é intuída do texto para, depois, ser usada para interpretar o texto do qual foi intuída), a nova abordagem busca legitimar descobertas críticas de fontes mais antigas.

¹⁴ HOLLADAY Jr., 1987.

¹⁵ GRABBE, L. L. (org.). *Can a “History of Israel” Be Written?* Sheffield: JSOT Press, 1997; KNAUF, E. A. From History to Interpretation. In: EDELMAN, D. (org.). *The Fabric of History*. Text, Artifact and Israel’s Past. Sheffield: JSOT Press, 1991. p. 26–64; ZEVIT, 2001.

¹⁶ DEVER, W. G. “Will the Real Israel Please Stand up?” Part II: Archaeology and the Religions of Ancient Israel. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, v. 298, p. 37–58, 1995; HARDMEIER, C. (org.). *Steine, Bilder, Texte: historische Evidenz ausserbiblischer und biblischer Quellen*. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2001; TOORN, K. van der. Introduction. In: TOORN, K. van der (org.). *The image and the book: iconic cults, aniconism, and the rise of the book religion in Israel and the ancient Near East*. Leuven: Peeters, 1997. p. 15–19; UEHLINGER, C. Bildquellen und “Geschichte Israels”: Grundsätzliche Überlegungen und Fallbeispiele. In: HARDMEIER, C. (org.). *Steine, Bilder, Texte: historische Evidenz ausserbiblischer und biblischer Quellen*. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2001. p. 25–77.

¹⁷ P.ex., ACKERMAN, S. *Women and the religion of ancient Israel*. New Haven: Yale University Press, 2022; MEYERS, C. *Rediscovering Eve: ancient Israelite women in context*. Oxford ; New York: Oxford University Press, 2013; NIDITCH, S. *Ancient Israelite Religion*. New York: Oxford University Press, 1997; OLYAN, S. M. *Rites and rank: hierarchy in biblical representations of cult*. Princeton: Princeton University Press, 2000; OLYAN, S. M. *Biblical mourning: ritual and social dimensions*. Oxford: Oxford University Press, 2004; OLYAN, S. M. (org.). *Social theory and the study of Israelite religion: essays in retrospect and prospect*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2012; OLYAN, S. M. *Violent rituals of the Hebrew Bible*. New York: Oxford University Press, 2019; SCHROER, S. Genderforschung, altorientalische Kunst und biblische Texte. *Hebrew Bible and Ancient Israel*, v. 5, p. 132–150, 2016; UEHLINGER, 2001; UEHLINGER, C. Neither eyewitnesses, nor windows to the past, but valuable testimony in its own right. Re-marks on iconography, source criticism, and ancient data processing. In: WILLIAMSON, H. G. M. (org.). *Understanding the history of Ancient Israel*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 173–228; UEHLINGER, C. Beyond “Image Ban” and “Aniconism”: Reconfiguring Ancient Israelite and Early Jewish Religion \s in a Visual and Material Religion Perspective. In: MEYER, B.; STORDALEN, T. (org.). *Figuration and Sensation of the Unseen in Judaism, Christianity and Islam: Contested Desires*. London: Bloomsbury Academic, 2019a. p. 99–123; UEHLINGER, C. Material religion in comparative perspective: how different is BCE from CE? In: ELSNER, J.; WOOD, R. (org.). *Imagining the Divine: Art in Religions of Late Antiquity across Eurasia*. London: British Museum, 2021. p. 155–175.

Os resultados do movimento são facilmente reconhecidos após quatro décadas. Na esteira de disciplinas vizinhas, o campo parece estar timidamente mudando seu nome de “história da religião israelita antiga” para “história da religião (sul-) levantina antiga”. Ontologicamente, isso significa que, a despeito de criada em diálogo e em função de textos bíblicos e dentre a tradição e viés teológico cristão-ocidental, sua principal preocupação já não pode mais ser caracterizada apenas pela interpretação de textos bíblicos. Isso resultou em uma colisão com outros campos do saber, que também obrigaram o campo a modificar seu escopo. A delimitação espaço-temporal hoje mira todo o Levante, do período neolítico até helenístico, conforme testemunhado por diferentes mídias e conjuntos de dados¹⁸. Assim, além das mudanças em treinamento e prática, os últimos trinta anos também viram emergir novas subespecializações na exegese bíblica que nasceram em diálogo com a pesquisa arqueológica¹⁹.

1.2 Algo emprestado e algumas coisas (ainda) verdes

Contudo, tal revolução não pode ser explicada simplesmente por desenvolvimentos internos ao campo. Como se argumentou em outros espaços, uma gama de processos materiais e intelectuais que atravessam múltiplas disciplinas e o panorama acadêmico amplo também ajudam a explicar a questão e as mudanças. É possível ver, por exemplo, a influência das viradas semiótica²⁰ e material²¹ nas ciências das religiões e nas humanidades, tal qual outros processos socioepistêmicos, como o “desigrejamento” do estudo da religião²², essa profundamente atrelada ao

¹⁸ KEEL; UEHLINGER, 1998; SCHROER, S. *Die Ikonographie Palästinas/Israels und der Alte Orient. Eine Religionsgeschichte in Bildern II: Die Mittelbronzezeit*. Fribourg: Academic Press, 2008b; SCHROER, S. *Die Ikonographie Palästinas/Israels und der Alte Orient. Eine Religionsgeschichte in Bildern III: Die Spätbronzezeit*. Fribourg: Academic Press, 2011; SCHROER, S. *Die Ikonographie Palästinas/Israels und der Alte Orient. Eine Religionsgeschichte in Bildern IV: Die Eisenzeit bis zum Beginn der achämenidischen Herrschaft*. Basel: Schwabe, 2018; SCHROER, S.; KEEL, O. *Die Ikonographie Palästinas/Israels und der Alte Orient. Eine Religionsgeschichte in Bildern I: Vom ausgehenden Mesolithikum bis zur Frühbronzezeit*. Fribourg, CH: Academic Press, 2005; TILLY, M.; ZWICKEL, W. *Religionsgeschichte Israels: von der Vorzeit bis zu den Anfängen des Christentums*. 2. ed. Darmstadt: WBG, 2015; ZEVIT, 2001.

¹⁹ Sobre essas novas subespecializações, veja e.g. KLEIN CARDOSO, S. The Genesis of Iconographic Exegesis. *Currents in Biblical Research*, v. 21, n. 2, p. 178–217, 2023c.

²⁰ I.e., “linguística” mais “visual/pictórica” SACHS-HOMBACH, K. *Das Bild als kommunikatives Medium: Elemente einer allgemeinen Bildwissenschaft*. 3 ed. Köln: Herbert von Halem, 2013.

²¹ HAZARD, S. The Material Turn in the Study of Religion. *Religion and Society*, v. 4, n. 1, 2013; MANDELL, A.; SMOAK, J. D. The Material Turn in the Study of Israelite Religions: Spaces, Things, and the Body. *The Journal of Hebrew Scriptures*, v. 19, 2019.

²² MEYER, B. *Mediation and the Genesis of Presence: Towards a Material Approach to Religion*. Utrecht: Universiteit Utrecht, 2012. p. 5-6.; UEHLINGER, C. Is the critical, academic study of the Bible inextricably bound to the destinies of theology? In: GRABBE, L. L.; KORPEL, M. C. A. (org.).

amplo fenômeno da virada reflexiva²³, a crescente—embora tímida—legitimação de epistemologias não-ocidentais²⁴ e a consequente diluição das fronteiras entre campos científicos e a desestabilização do panorama disciplinar tradicional²⁵.

O fato de uma série de pesquisadoras e pesquisadores ter tentado implementar novas abordagens críticas aos dados sul-levantinos nos últimos quinze anos²⁶ e do

Open-mindedness in the Bible and Beyond. A Volume of Studies in Honour of Bob Becking. London: Bloomsbury Academic, 2015c. p. 287-302.

²³ BOURDIEU, P. *Science of science and reflexivity*. Tradução: Richard Nice. Chicago: University of Chicago Press, 2004; LATOUR, B. *We have never been modern*. Cambridge: Harvard University Press, 1993; LATOUR, B.; WOOLGAR, S. *Laboratory life: the construction of scientific facts*. Princeton: Princeton University Press, 1986.

²⁴ CONNELL, R. *Southern theory: the global dynamics of knowledge in the social science*. London: Routledge, 2020; SOUSA SANTOS, B. de. *Epistemologies of the South: justice against epistemicide*. London: Routledge, 2016; SOUSA SANTOS, B. de. Postcolonialism, Decoloniality, and Epistemologies of the South. In: *Oxford Research Encyclopedia of Literature*. Oxford: Oxford University Press, 2021.

²⁵ GEERTZ, C. Blurred Genres: The Refiguration of Social Thought. *The American Scholar*, v. 49, n. 2, p. 165–179, 1980; LATOUR, B. Why has the critique run out of steam? From matters of fact to matters of concern. In: BROWN, B. (org.). *Things*. Chicago: University Of Chicago Press, 2004. p. 151–173; MALDONADO-TORRES, N. Transdisciplinarity and decolonialidad. *Quaderna*, v. 3, p. 1–20, 2012; NICOLESCU, B. Transdisciplinarity: the hidden third, between the subject and the object. *Human & Social Studies. Research and Practice*, v. 1, n. 1, 2012.

²⁶ P.ex., DE HEMMER GUDME, A. K. A Pleasing Odour for Yahweh. *Body and Religion*, v. 2, n. 1, p. 7–24, 2018; FREVEL, C. Eisenzeitliche Kultständer als Medien in Israel/Palästina. In: VON HESBERG, H. (org.). *Medien in der Antike: Kommunikative Qualität und normative Wirkung*. Köln: Lehr- und Forschungszentrum für die antiken Kulturen des Mittelmeerraumes, 2003. p. 147–201; FREVEL, C. Medien der Alltagskultur in der Antike: Eine Einführung. In: FREVEL, C. (org.). *Medien im antiken Palästina: materielle Kommunikation und Medialität als Thema der Palästinaarchäologie*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005. p. 9–39; FREVEL, C. Gifts to the Gods? Votives as Communication Markers in Sanctuaries and other Places in the Bronze and Iron Ages in Palestine/Israel. In: CORNELIUS, I.; JONKER, L. C. (org.). *From Ebla to Stellenbosch: Syro-Palestinian religions and the Hebrew Bible*. Wiesbaden: Harrassowitz in Kommission, 2008. p. 25–48; MANDELL, SMOAK, 2019; SMOAK, J. D. Wearing Divine Words: In Life and Death. *Material Religion*, v. 15, n. 4, p. 433–455, 2019; SMOAK, J. D. “You have refined us like silver is refined” (Ps 66:10): Yahweh’s metallurgical powers in ancient Judah. *Advances in Ancient, Biblical, and Near Eastern Research*, v. 1, n. 3, p. 81–115, 2021; STAVRAKOPOULOU, F. ‘Popular’ Religion and ‘Official’ Religion: Practice, Perception, Portrayal. In: STAVRAKOPOULOU, F.; BARTON, J. (org.). *Religious diversity in Ancient Israel and Judah*. London: T & T Clark, 2010. p. 37–58; STAVRAKOPOULOU, F. Materialist Reading: Materialism, Materiality, and Biblical Cults of Writing. In: DELL, K. J.; JOYCE, P. M. (org.). *Biblical Interpretation and Method: Essays in Honour of John Barton*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 223–242; STORDALEN, T. Horse Statues in Seventh Century Jerusalem: Ancient Social Formations and the Evaluation of Religious Diversity. *Hebrew Bible and Ancient Israel*, v. 4, n. 1, p. 106, 2015; STORDALEN, T. Imagining Solomon’s Temple: Aesthetics of the Non-Representable. In: MEYER, B.; STORDALEN, T. (org.). *Figuration and Sensation of the Unseen in Judaism, Christianity and Islam: Contested Desires*. London: Bloomsbury Academic, 2019. p. 21–36; UEHLINGER, C. Visible Religion und die Sichtbarkeit von Religion(en):

número de sugestões de novos quadros conceituais ter disparado nos últimos cinco anos²⁷ podem ser caracterizados como ecos dessa revolução. Eles têm endereçado, p.ex., a lógica dicotômica de reconstruções²⁸, o arrazoado etnológico²⁹, imaterial³⁰ e seu evolucionismo cultural³¹.

Ainda assim, enquanto algumas dessas dicotomias e vieses têm sido reconhecidas e combatidas³², elas raramente são associadas a uma problemática estrutural. No entanto, analisando a questão de perto, eles revelam uma coerência tão desconfortável quanto suspeita. Isto pois, por um lado, reconstruções dicotômicas, arrazoado etnológico e evolucionismo compartilham as mesmas pressuposições

Voraussetzungen, Anknüpfungsprobleme, Wiederaufnahme eines religionswissenschaftlichen Forschungsprogramms. *Berliner Theologische Zeitschrift*, v. 23, n. 2, p. 165–184, 2006b; UEHLINGER, C. Approaches to Visual Culture and Religion: Disciplinary Trajectories, Interdisciplinary Connections, and Some Suggestions for Further Progress. *Method & Theory in the Study of Religion*, v. 27, n. 4/5, p. 384–422, 2015a; UEHLINGER, 2019a; 2021.

²⁷ MAIDEN, B. E. *Cognitive Science and Ancient Israelite Religion: New Perspectives on Texts, Artifacts, and Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020; MANDELL; SMOAK, 2019; PORZIA, F. “Imagine There’s no Peoples”. A Claim against the Identity Approach in Phoenician Studies through Comparison with the Israelite Field. *Rivista di Studi Fenici*, v. 46, p. 11–27, 2018; PORZIA, F. Beyond Ethnicity: Outline of a Renewed Approach to the Levantine Divine Landscape. In: BIERMANN, B.; KLEIN CARDOSO, S.; PORZIA, F.; UEHLINGER, C. (org.). *Challenging Dichotomies and Biases in the Study of the Ancient Southern Levant*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2024. p. 58–78; SCHMITT, R. *Die Religionen Israels/Palästinas in der Eisenzeit: 12.–6. Jahrhundert v. Chr.* Münster: Zaphon, 2020.

²⁸ NISSINEN, M. Beyond Binaries: Towards an Integrative Approach in Ancient Levantine Studies. In: BIERMANN, B.; KLEIN CARDOSO, S.; PORZIA, F.; UEHLINGER, C. (org.). *Challenging Dichotomies and Biases in the Study of the Ancient Southern Levant*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2024. p. 162–173; STAVRAKOPOULOU, 2010; UEHLINGER, C. Distinctive or diverse? Conceptualizing ancient Israelite religion in its southern Levantine setting. *Hebrew Bible and Ancient Israel*, v. 4, n. 1, p. 1–24, 2015b.

²⁹ PORIZIA, 2018; 2024; PYSCHNY, K. Cultural Hybridity Instead of Ethnicity: The Persian (and Early Hellenistic) Woman and Child Figurines as a Case Study. In: BIERMANN, B.; KLEIN CARDOSO, S.; PORZIA, F.; UEHLINGER, C. (org.). *Challenging Dichotomies and Biases in the Study of the Ancient Southern Levant*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2024. p. 79–96.

³⁰ MANDELL, A. More than the sum of their parts: multimodality and the study of Iron Age inscriptions. In: KEIMER, K. H.; PIERCE, G. A. (org.). *The ancient Israelite world*. London: Routledge, 2023. p. 348–362; MANDELL; SMOAK, 2019; SMOAK, 2019; UEHLINGER, 2019a.

³¹ SCHAPER, J. Problems and Prospects of a “History of the Religion of Israel”. In: SÆBØ, M. (org.). *Hebrew Bible, Old Testament: The History of its Interpretation*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2015. v. III/2: The twentieth century, from modernism to post-modernism, p. 622–641.

³² BIERMANN, B.; KLEIN CARDOSO, S.; PORZIA, F.; UEHLINGER, C. (org.). *Challenging Dichotomies and Biases in the Study of the Ancient Southern Levant*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2024.

comparatistas problemáticas³³. E, por outro lado, os diferentes problemas com materialidade e a ultrapassada noção de que “objetos não podem ter agência” apontam para percepções preconceituosas que têm sido debatidas e refutadas nas ciências das religiões há décadas³⁴. Minha hipótese é que essas questões estão conectadas por uma lente ou racionalidade comum e abrangente, que enforma o aparato de conhecimento de pessoas pesquisadoras desse campo. Para explicar este argumento, precisarei expandir ainda mais o foco da observação para tecer algumas observações.

2 Unicidade e racionalidade ocidental

2.1 Unicidade na Teologia e nas Ciências da Religião

A problemática da unicidade é, sem dúvida, central na Teologia e nas Ciências das Religiões. Ela está no cerne das noções de “religião” e de um “DEUS” (em maiúsculas), como diversos estudos têm demonstrado de forma direta ou indireta nas últimas décadas. Quando partidários(as) da *critical religion* condenam o uso de conceitos “antropológicos” de religião³⁵ ou reprovam a projeção indiscriminada da noção a diferentes contextos geográficos e ideacionais³⁶, eles(as) estão, em última instância, criticando a inaptidão de um conceito e compreensão unívocas ou naturais (“antropológicas”) de “religião”³⁷. Semelhantemente, quando

³³ Aqui não está pressuposto que abordagens comparativas são *inerentemente problemáticas*. Isso desprezaria sua contribuição e o fato de que muitas práticas tidas como científicas estão intrinsecamente ligadas a comparações em diferentes níveis. Para literatura recente sobre o assunto, veja FREIBERGER, O. *Considering comparison: a method for religious studies*. New York, NY: Oxford University Press, 2019.

³⁴ P.ex., APPIAH, S. K. *Fetish Again? Southern Perspectives on the Material Approach to the Study of Religion*. *Open Theology*, v. 8, n. 1, p. 79–94, 2022; KLEIN CARDOSO, 2023b; MASUZAWA, T. Troubles with Materiality: The Ghost of Fetishism in the Nineteenth Century. *Comparative Studies in Society and History*, v. 42, n. 2, p. 242–267, 2000; MATORY, J. L. *The fetish revisited: Marx, Freud, and the gods Black people make*. Durham: Duke University Press, 2018; MEYER, 2012; MEYER, B. Religion as Mediation. *Entangled Religions*, v. 11, n. 3, 2020; RÜPKE, J. Ritual objects and religious communication in lived ancient religion: multiplying religion. In: FUCHS, M. et al. (org.). *Religious Individualisation*. Berlin: De Gruyter, 2019. p. 1201–1222.

³⁵ ASAD, T. *Genealogies of religion: discipline and reasons of power in Christianity and Islam*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1993.

³⁶ FITZGERALD, T. A critique of “religion” as a cross-cultural category. *Method & Theory in the Study of Religion*, v. 9, n. 2, p. 91–110, 1997; FITZGERALD, T. *The ideology of religious studies*. New York: Oxford University Press, 2000; MCCUTCHEON, R. T. The Category “Religion” in Recent Publications: A Critical Survey. *Numen: International Review for the History of Religions*, v. 42, n. 3, p. 284–309, 1995; MCCUTCHEON, R. T. *Fabricating religion: fanfare for the common e.g.* Berlin: De Gruyter, 2018.

³⁷ A *critical religion* pode ser vista como um resultado da virada reflexiva no estudo das religiões que implicou a crítica do conceito de religião a partir de um paradigma não comparatista nos últimos trinta anos. Veja KING, R. The Copernican Turn in the Study of Religion. In: KING, R. (org.).

historiadores(as) da religião judaíta criticam a instrumentalização de “coisas” como conduítes para a compreensão de *yhwh* e de outras divindades oeste-semíticas³⁸, ou quando se opõem à compartimentalização desses seres via termos étnicos e identitários³⁹, sua crítica não reside apenas no anacronismo implícito dessas estratégias, mas também na estrutura abrangente e unicista que, em última análise, se concentra em um “Uno” referencial.

Tal centralidade da unicidade tem sido principalmente explicada pelo regime de comparatismo cultural que impulsionou esses campos nos séculos 19 e 20. Quando o estudo das religiões ainda estava fragmentado entre teologia, filosofia e estudos orientais, e quando sujeitos religiosos eram discriminados entre cristãos, judeus, “mohamedanos” e o resto, a ideia de unicidade foi a pedra angular para explicar o desenvolvimento antientrópico — ou, para alguns(as), “divino” — das religiões mundiais. Em outras palavras, a ideia de um único e verdadeiro DEUS ajudou a explicar como religiões evoluíram de um estado caótico (“politeísta”) a um estado organizado (“monoteísta”)⁴⁰. Isso estava implícito na ideia de que os semitas foram pioneiros na crença de um DEUS, o chamado “monoteísmo semítico”. Concebido para contrastar a fé dos politeísmos indo-europeus à fé cristã, o conceito estava “imbuído de um sistema de valores que claramente procurava organizar raças, culturas e religiões numa escala ascendente, com os povos europeus brancos e cristãos no topo”⁴¹. O princípio do uno e verdadeiro, nesse sentido, pode ser considerado estrutural por ser aplicado a entidades superempíricas (“DEUS”), locais de culto (“templo”), repositórios culturais (“lei”, “Escrituras”) e, até mesmo,

Religion, theory, critique: classic and contemporary approaches and methodologies. New York: Columbia University Press, 2017. p. 1–20; SCHILBRACK, K. Religions: Are There Any? *Journal of the American Academy of Religion*, 2010; SCHILBRACK, K. What Isn't Religion? *The Journal of Religion*, v. 93, n. 3, p. 291–318, 2013; SCHILBRACK, K. The Concept of Religion. In: ZALTA, E. N. (org.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Summer 2022ed. Stanford: Metaphysics Research Lab, Stanford University, 2022. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/sum2022/entries/concept-religion/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

³⁸ MANDELL; SMOALK, 2019, p. 2.

³⁹ PORZIA, 2018; 2024; PYSCHNY, 2024; UEHLINGER, C. Arad, Qitmīt: Judahite aniconism vs. Edomite iconic cult? Questioning the evidence. In: BECKMAN, G. M.; LEWIS, T. J. (org.). *Text, artifact, and image: revealing ancient Israelite religion*. Providence, RI: Brown Judaic Studies, 2006a. p. 80–112; UEHLINGER, 2015b.

⁴⁰ “Ateísmo” foi utilizado pela primeira vez em 1587 e “ateísta” em 1571 por John Cheke; “politeísmo” por Philo e resgatado por Jean Bodin em 1580; “monoteísmo” foi cunhado por Henry More em 1660; “panteísmo” em 1732 e “panteísta” em 1705 por Joseph Raphson; e “henoteísmo”, um meio termo entre o politeísmo e o monoteísmo (e, é necessário ressaltar, o conceito foi usado para descrever a religião primitiva e pré-monoteísta de Israel), foi utilizado pela primeira vez por Friedrich Schelling em 1842. Veja MaCDONALD, 2012, p. 6, n. 4–5; STROUMSA, 2021, p. 31–35.

⁴¹ No original em língua inglesa: “imbued with a value system which clearly sought to arrange races, cultures, and religions in an ascending scale, with white, Christian European peoples on top”. STROUMSA, 2021, p. 246.

eras ou *eons* (tempo “bíblico” ou “clássico”)⁴², instrumentalizando a diferença via comparação e hierarquizando povos como espelhos distorcidos e subalternos ao europeu⁴³. Foi pela centralidade nas ideias de DEUS e “história”, por exemplo, que Wilfred C. Smith, ainda nos anos 1960, se recusou a utilizar o conceito de religião. Segundo o teólogo, “nem todos os observadores acreditam em Deus, e nem todos os devotos se preocupam com a história”⁴⁴.

Essa estrutura de pensamento unicista foi, contudo, um dos blocos fundamentais de “monoteísmo” enquanto conceito. Henry More, que cunhou o termo, arranjava os modos religiosos em uma escala evolutiva ascendente: “politeísmo” » culto solar » “panteísmo” » formas baixas e altas de “monoteísmo”⁴⁵. Para não deixar pedra sobre pedra, isso significa que, à época, mesmo religiões monoteístas eram concebidas evolutivamente. More considerava o judaísmo particularmente propenso à “animalidade”⁴⁶ enquanto Ernest Renan considerava o judaísmo “inferior”⁴⁷ e o Islã uma combinação medíocre de elementos humanos e uma cultura incapaz de ciência por sua nulidade intelectual⁴⁸. Tal abordagem racista foi

⁴² Com relação ao domínio do tempo, o único marcador cronológico considerado importante é o presente (ou seja, a Era da perfeição alcançada) e o tempo de fundação (ou seja, a Era que possibilitou tal perfeição). Essa unicidade pode ser associada à estratégia antropológica chamada “alocronização” ou “esquizocronização”. Fabian, que cunhou os termos, disse que o alocronismo é a negação da contemporaneidade, permitindo a transformação de sujeitos em objetos por meio do deslocamento do “nosso” tempo. FABIAN, J. *Time and the other: how anthropology makes its object*. New York: Columbia University Press, 2014. p. 32–34. Essa objetivação pode ser caracterizada como uma ferramenta epistêmico-política de invasão e conquista, sendo usada em outras disciplinas, desde a história da arte levantina até a arqueologia. Veja e.g. BAHRANI, Z. *The graven image: representation in Babylonia and Assyria*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2003. p. 50–72.; GREENBERG; HAMILAKIS, 2022, p. 75–108.

⁴³ Para a construção do “Outro” como negação do “eu”, leia CARNEIRO, S. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

⁴⁴ No original em língua inglesa: “Not all observers believe in God, and not all the devout are concerned with history”. SMITH, W. C. *The Meaning and End of Religion*. London: Mentor Books, 1964. p. 122.

⁴⁵ MACDONALD, 2012, p. 8–9.

⁴⁶ MACDONALD, 2012, p. 9.

⁴⁷ PORZIA, F.; BONNET, C. Divine Names on the Spot II: Exploring the Potentials of Names through Images and Narratives. In: PORZIA, F.; BONNET, C. (org.). *Divine Names on the Spot II: Exploring the Potentials of Names through Images and Narratives*. Leuven: Peeters, 2023. p. 1–25. p. 12–14.

⁴⁸ STROUMSA, 2021, p. 124, 127. É importante observar aqui que Renan costumava se opor ao judaísmo e ao islamismo com o “espírito europeu”: “*Persuadé que Dieu donne la fortune et le pouvoir à qui bon lui semble, sans tenir compte de l’instruction ni du mérite personnel, le musulman a le plus profond mépris pour l’instruction, pour la science, pour tout ce qui constitue l’esprit européen. Ce pli inculqué par la foi musulmane est si fort que toutes les différences de race et de nationalité disparaissent par le fait de la conversion à l’islam. Le Berber, le Soudanien, le Circassien, l’Afghan, le Malais, l’Égyptien, le Nubien, devenus musulmans, ne sont plus des Berbers, des Soudaniens, des Égyptiens, etc; ce sont des musulmans.*”

remendada através de um novo quadro conceitual no raiar do século 20, através do modelo intitulado de “religiões mundiais”. Contudo, apesar de perturbar a construída semelhança familiar entre os três monoteísmos, o paradigma não substituiu e nem arrefeceu em nenhum momento a hegemonia religiosa cristã-europeia, mas, pelo contrário, a sedimentou⁴⁹.

2.2 Unicidade na racionalidade ocidental

O discurso do uno parece, assim, conectado a *Weltanschauungen* ou “cosmovisões” culturais-evolutivas ocidentais. Num primeiro momento, essa afirmação pode parecer contraditória, afinal, como a percepção da pluralidade e diversidade pode ocultar unicidade? O antropólogo francês Philippe Descola respondeu à questão dizendo que o status ontológico multiculturalista do ocidente postula “a unicidade da natureza para suportar o reconhecimento da diversidade das manifestações individuais e coletivas da subjetividade”⁵⁰. Em outras palavras, a ideia de que leis unificadas governam o mundo natural convida a comparar as ramificações sociais dessa pressuposta unicidade. Esse conceito se traduz, epistemologicamente, com o “princípio de separabilidade”, que continua sendo o fundamento e pilar metodológico da ciência ocidental.

É interessante observar, nesse sentido, que a história da ciência sugere que, na Europa, o conceito de monoteísmo auxiliou na ascensão da ciência e, por sua vez, a ciência promoveu o status cultural do monoteísmo⁵¹. De acordo com essa teoria, a ciência se beneficiou de três ideias incorporadas à ideia de monoteísmo, a saber, de que: (1) há leis *naturais*, (2) essas leis são *inteligíveis* e (3) toda a natureza é

La Perse seule fait ici exception ; elle a su garder son génie propre ; car la Perse a su prendre dans l’islam une place à part ; elle est au fond bien plus chiite que musulmane. RENAN, E. *L’islamisme et la science*. Paris: Calmann Lévy, 1883.

⁴⁹ Pelo contrário, Masuzawa argumenta que pluralismo e diversidade deram novo fôlego à hegemonia. MASUZAWA, 2005.

⁵⁰ No original em língua inglesa: “the oneness of nature to support recognition of the diversity of both individual and collective manifestations of subjectivity”. DESCOLA, P. *Beyond nature and culture*. Tradução: Janet Lloyd. Chicago: The University of Chicago Press, 2013. p. 173. Para Descola, a singularidade da interioridade humana e a universalidade dos princípios que regem a realidade física são os dois principais aspectos da “ontologia naturalista”. Como estratégia de figuração, isso resultou no foco nos detalhes de forma a centralizar e homogeneizar a singularidade existencial das fisionomias e proporcionar às cenas uma unicidade convergente. DESCOLA, P. *As formas do visível: uma antropologia da figuração*. Tradução: Mônica Kalil. São Paulo: 34, 2023. p. 508.

⁵¹ Naturalmente, o monoteísmo em questão é o cristão europeu, e não alguma de suas outras ramificações.

unificada por essa suposta ordem natural⁵². Uma hipótese similar foi sugerida por Jacques Derrida. Ao discutir como a escrita esvazia o conceito de signo, ele sugeriu que o *logos* absoluto da teologia medieval projetava a face inteligível da subjetividade criadora infinita, DEUS; daí: “O signo e a divindade possuem o mesmo local e a mesma data de nascimento”⁵³. Difícilmente pode passar despercebido o fato de que todos esses desenvolvimentos estão ligados ao modo de pensamento chamado “moderno” ou “ocidental”. Como Silviano Santiago argumentou, pureza e uni(ci)dade são as pedras angulares do pensamento ocidental, pois, na álgebra do conquistador, a unidade é a única medida possível⁵⁴. A partir desse panorama, podemos considerar sintomático o fato de que pesquisadores(as) da história sul-

⁵² SCHELLENBERG, J. L. *Monotheism and the Rise of Science*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020. p. 5–13. Emilio G. Ferrín articulou de forma perspicaz essas noções: “*Pero por encima de costumbrismos identitarios y por debajo de verdades absolutas inamovibles, ha emergido siempre aquella reflexión sobre la lectura minimalista, monocorde, de los universos que nos rodean y que sólo percibimos anímicamente. Es el viejo brochazo unificador: la unicidad; el carácter único de Dios. Es su soledad y su completud. Es evidente que el monoteísmo, cualquiera que sea su corte o patrón, parte de esta noción como preeminente y fundacional. Si por lo general nos movemos siempre en torno a la idea de que todo está en movimiento y que difícilmente puede admitirse un concepto religioso acuñado para siempre en una fecha determinada, en materia de unicidad divina debemos ser especialmente evolucionistas. La idea de la unicidad de Dios; el convencimiento de que la trascendencia del ser humano se debe a la omnipresencia de una única fuerza, una misma energía, es una destilación conceptual inexplicable sin la incorporación de materiales de diversa procedencia en una larga secuencia cronológica*”. GONZÁLEZ FERRÍN, E. *La angustia de Abraham: los orígenes culturales del islam*. Córdoba: Almuzara, 2013. p. 70.

⁵³ No original francês: “Le signe et la divinité ont le même lieu et le même temps de naissance”. DERRIDA, J. *De la grammatologie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1967. p. 25.

⁵⁴ SANTIAGO, S. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. Obviamente, ele fez eco a Pero de Magalhães Gandavo, que escreveu em 1573 que os “gentios” da *Terra Brasilis* não tinham fé, lei e rei: “A língua deste gentio toda pela costa é, uma: carece de três letras—*scilicet*, não se acha nela F, nem L, nem R, cousa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei; e desta maneira vivem sem Justiça e desordenadamente”. GANDAVO, P. de M. *Tratado da Terra do Brasil: história da província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*. Brasília: Senado Federal, 2008. p. 65. Essa relação entre unicidade e modernidade também foi feita por outros. Em especial, o teólogo/filósofo da libertação Enrique Dussel argumentou que o *ego cogito* (“Eu penso, então eu sou”) foi precedida em cento e cinquenta anos pelo *ego conquiro* (“Eu conquisto, então eu sou”). DUSSEL, E. Europa, Modernidad y Eurocentrismo. *Revista de Cultura Teológica*, v. 1, n. 4, p. 69–82, 1993. p. 72; veja também GROSFUGUEL, R. The Structure of Knowledge in Westernized Universities: Epistemic Racism/Sexism and the Four Genocides/Epistemicides of the Long 16th Century. *Human Architecture: Journal of the Sociology of Self-Knowledge*, v. 11, n. 1, p. 73–90, 2013. Isso implica não apenas um sistema classificatório social externo e duradouro, mas seu poder sobre as dimensões epistêmica, jurídica, econômica e antropológica. MIGNOLO, W. *The politics of decolonial investigations*. Durham: Duke University Press, 2021. p. 34–61.; QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificación social. *Journal of World-System Research*, v. 6, n. 2, p. 342–386, 2000.

levantina antigo tenham voltado a argumentar que processos de diferenciação permitiram a ascensão do monoteísmo na Judá antiga⁵⁵.

Não é a intenção desqualificar modos ocidentais de saber ou pensar. Isso seria suicida no contexto de um artigo acadêmico, tal qual negligenciaria contribuições inestimáveis feitas no contexto intelectual do norte global. Em lugar disso, minha questão é se essa ênfase na unicidade tem (mal)formado reconstruções histórico-religiosas e, caso tenha, de qual forma. Isso implica uma série de questões e desafios conceituais. Alguns desses podem ser esboçados aqui: se itinerários de pesquisa e sistemas de noções disciplinares manufaturam dados⁵⁶, como a ideia de unicidade têm manufaturado dados? Se a “arrogância do ponto zero”, a imaginada “plataforma neutra de observação que, por sua vez, não pode ser observada de nenhum ponto”⁵⁷, não pode mais ser vista como o único ponto pelo qual fenômenos são observados, então como nossa posição relativa⁵⁸ aos objetos de pesquisa influencia reconstruções? Se o modo ocidental de pensar e ser não é o único modo⁵⁹, como é possível investigar culturas antigas e extintas sem projetar a elas crenças e percepções ontológicas, filosóficas e semióticas⁶⁰? Se o labor acadêmico está intrinsecamente ligado à escrita como forma de produção de conhecimento, priorizando um único modo de pensar, como isso tem afetado reconstruções?

Infelizmente, a resposta para algumas dessas questões ainda está além de nosso alcance. Apesar de pesquisadores(as) reconhecerem os impactos e consequências

⁵⁵ DIETRICH, 2023.

⁵⁶ BUCCELLATI, G. *A Critique of Archaeological Reason: Structural, Digital, and Philosophical Aspects of the Excavated Record*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017; CHAZAN, M. *The reality of artifacts: an archaeological perspective*. Abingdon: Routledge, 2019.

⁵⁷ No original espanhol: “plataforma neutra de observación que, a su vez, no puede ser observada desde ningún punto”. CASTRO-GÓMEZ, S. *La hybris del punto cero: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816)*. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2005. p. 18.

⁵⁸ Essa posição não é apenas geográfica, mas também temporal e social. Sobre a questão da alocronização, consulte a nota de rodapé 42.

⁵⁹ DESCOLA, 2013; KOPENAWA, D.; ALBERT, B. *The falling sky: words of a Yanomami shaman*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2013; VIVEIROS DE CASTRO, E. *Cannibal metaphysics: for a post-structural anthropology*. Tradução: Peter Skafish. Minneapolis: Univocal, 2014.

⁶⁰ Descola, por exemplo, discutiu as implicações de quatro tipos ontológicos distintos na relação entre signo e referente. DESCOLA, 2023. No entanto, apesar da amplitude da hipótese e tipologia, as quatro ontologias de Descola não são consensuais entre os antropólogos. Por exemplo, Viveiros de Castro criticou o uso do perspectivismo como um tipo subanimista e Marhsal Sahlins argumentou que, em vez de quatro ontologias, três delas seriam por subtipos de animismo. Veja SAHLINS, M. On the ontological scheme of *Beyond nature and culture*. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v. 4, n. 1, p. 281–290, 2014. p. 282.; VIVEIROS DE CASTRO, 2014, p. 83–84.

das questões, o campo ainda é amplamente informado, senão organizado, a partir da noção de unicidade.

Referências

- ACKERMAN, S. *Women and the religion of ancient Israel*. New Haven: Yale University Press, 2022.
- ALBERTZ, R. *Religionsgeschichte Israels in alttestamentlicher Zeit*. 2. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1996.
- APPIAH, S. K. *Fetish Again? Southern Perspectives on the Material Approach to the Study of Religion*. *Open Theology*, v. 8, n. 1, p. 79-94, 2022.
- ASAD, T. *Genealogies of religion: discipline and reasons of power in Christianity and Islam*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1993.
- BAHRANI, Z. *The graven image: representation in Babylonia and Assyria*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2003.
- BIERMANN, B.; KLEIN CARDOSO, S.; PORZIA, F.; UEHLINGER, C. (org.). *Challenging Dichotomies and Biases in the Study of the Ancient Southern Levant*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2024.
- BOURDIEU, P. *Science of science and reflexivity*. Tradução: Richard Nice. Chicago: University of Chicago Press, 2004.
- BUCCELLATI, G. *A Critique of Archaeological Reason: Structural, Digital, and Philosophical Aspects of the Excavated Record*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- BÜHLER, A. *et al.* Exploring the Stylistic Uniqueness of the Priestly Source in Genesis and Exodus Through a Statistical/Computational Lens. *Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft*, v. 136, n. 2, p. 165–190, 2024b.
- CARNEIRO, S. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- CASTRO-GÓMEZ, S. *La hybris del punto cero: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816)*. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2005.
- CHAZAN, M. *The reality of artifacts: an archaeological perspective*. Abingdon: Routledge, 2019.
- CLINE, E. H. *Biblical archaeology: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

CONNELL, R. *Southern theory: the global dynamics of knowledge in the social science*. London: Routledge, 2020.

DAVIS, T. W. History of Research. In: STEINER, M.; KILLEBREW, A. E. (org.). *The Oxford handbook of the archaeology of the Levant: c. 8000-332 BCE*. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 35-43.

DAVIS, T. W. *Shifting sands: the rise and fall of Biblical archaeology*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

DE HEMMER GUDME, A. K. A Pleasing Odour for Yahweh. *Body and Religion*, v. 2, n. 1, p. 7-24, 2018.

DE HULSTER, I. J. *Figurines in Achaemenid Period Yehud: Jerusalem's history of religion and coroplastics in the monotheism debate*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2017.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *What is philosophy?* New York: Columbia University Press, 1994.

DERRIDA, J. *De la grammatologie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1967.

DESCOLA, P. *As formas do visível: uma antropologia da figuração*. Tradução: Mônica Kalil. São Paulo: 34, 2023.

DESCOLA, P. *Beyond nature and culture*. Tradução: Janet Lloyd. Chicago: The University of Chicago Press, 2013.

DEVER, W. G. "Will the Real Israel Please Stand up?" Part II: Archaeology and the Religions of Ancient Israel. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, v. 298, p. 37-58, 1995.

DIETRICH, J. Monotheismus Sieben Gründe für die Entstehung einer monistischen Denkform im Alten Testament. *Zeitschrift für altorientalische und biblische Rechtsgeschichte*, v. 29, p. 83-103, 2023.

DUSSEL, E. Europa, Modernidad y Eurocentrismo. *Revista de Cultura Teológica*, v. 1, n. 4, p. 69-82, 1993.

FABIAN, J. *Time and the other: how anthropology makes its object*. New York: Columbia University Press, 2014.

FITZGERALD, T. A critique of "religion" as a cross-cultural category. *Method & Theory in the Study of Religion*, v. 9, n. 2, p. 91-110, 1997.

FITZGERALD, T. *The ideology of religious studies*. New York: Oxford University Press, 2000.

FLEMING, D. E. *Yahweh before Israel: glimpses of history in a divine name*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

FLYNN, S. W. *A story of YHWH: cultural translation and subversive reception in Israelite history*. London: Routledge/Taylor & Francis Group, 2020.

FREIBERGER, O. *Considering comparison: a method for religious studies*. New York, NY: Oxford University Press, 2019.

FREVEL, C. Eisenzeitliche Kultständer als Medien in Israel/Palästina. In: VON HESBERG, H. (org.). *Medien in der Antike: Kommunikative Qualität und normative Wirkung*. Köln: Lehr- und Forschungszentrum für die antiken Kulturen des Mittelmeerraumes, 2003. p. 147-201,

FREVEL, C. Gifts to the Gods? Votives as Communication Markers in Sanctuaries and other Places in the Bronze and Iron Ages in Palestine/Israel. In: CORNELIUS, I.; JONKER, L. C. (org.). *From Ebla to Stellenbosch: Syro-Palestinian religions and the Hebrew Bible*. Wiesbaden: Harrassowitz in Kommission, 2008. p. 25–48.

FREVEL, C. Medien der Alltagskultur in der Antike: Eine Einführung. In: FREVEL, C. (org.). *Medien im antiken Palästina: materielle Kommunikation und Medialität als Thema der Palästinaarchäologie*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005. p. 9–39.

GANDAVO, P. de M. *Tratado da Terra do Brasil: história da província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*. Brasília: Senado Federal, 2008.

GEERTZ, C. Blurred Genres: The Refiguration of Social Thought. *The American Scholar*, v. 49, n. 2, p. 165–179, 1980.

GIFFONE, B. D. *Storymaking, textual development, and varying cultic centralizations: gathering and fitting unhewn stones*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2023.

GONZÁLEZ FERRÍN, E. *La angustia de Abraham: los orígenes culturales del islam*. Córdoba: Almuzara, 2013.

GRABBE, L. L. (org.). *Can a "History of Israel" Be Written?* Sheffield: JSOT Press, 1997.

GREENBERG, R.; HAMILAKIS, Y. *Archaeology, Nation, and Race: Confronting the Past, Decolonizing the Future in Greece and Israel*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.

GREINER, A. L. Sacred Space and Globalization. In: BRUNN, S. D. (org.). *The Changing World Religion Map: Sacred Places, Identities, Practices and Politics*. New York: Springer, 2015. p. 363–379.

GROSGOUEL, R. The Structure of Knowledge in Westernized Universities: Epistemic Racism/Sexism and the Four Genocides/Epistemicides of the Long 16th Century. *Human Architecture: Journal of the Sociology of Self-Knowledge*, v. 11, n. 1, p. 73–90, 2013.

HARDMEIER, C. (org.). *Steine, Bilder, Texte: historische Evidenz ausserbiblischer und biblischer Quellen*. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2001.

HAZARD, S. The Material Turn in the Study of Religion. *Religion and Society*, v. 4, n. 1, 2013.

HOLLADAY JR., J. S. Religion in Israel and Judah Under the Monarchy: An Explicitly Archaeological Approach. In: MILLER, P. D.; HANSON, P. D.; MCBRIDE, S. D. (org.). *Ancient Israelite religion: essays in honor of Frank Moore Cross*. Philadelphia: Fortress Press, 1987. p. 249–299.

HUNZIKER-RODEWALD, R. “Biblical World”: diversity within unity: female Iron Age faces in Palestine/Israel. In: FINSTERBUSCH, K.; LANGE, A. (org.). *What is Bible?* Leuven: Peeters, 2012. p. 131–149.

KEEL, O.; UEHLINGER, C. *Gods, goddesses, and images of god in ancient Israel*. Tradução: Thomas H. Trapp. Edinburgh: T&T Clark, 1998.

KEEL; UEHLINGER, 1998; SCHROER, S. *Die Ikonographie Palästinas/Israels und der Alte Orient*. Eine Religionsgeschichte in Bildern II: Die Mittelbronzezeit. Fribourg: Academic Press, 2008b.

KING, R. The Copernican Turn in the Study of Religion. In: KING, R. (org.). *Religion, theory, critique: classic and contemporary approaches and methodologies*. New York: Columbia University Press, 2017. p. 1–20.

KLEIN CARDOSO, 2023b; MASUZAWA, T. Troubles with Materiality: The Ghost of Fetishism in the Nineteenth Century. *Comparative Studies in Society and History*, v. 42, n. 2, p. 242–267, 2000.

KLEIN CARDOSO, S. Liminal Device\’s. In: MÜNGER, S.; RAHN, N.; WYSSMANN, P. O. (org.). *„Trinkt von dem Wein, den ich mischte!“ Festschrift für Silvia Schroer zum 65. Geburtstag*. Leuven: Peeters, 2023a. p. 270-286.

KLEIN CARDOSO, S. Loosening religion. O que torna um artefato “religioso” na história da religião sul-levantina? *Reflexão*, v. 48, n. e237246, p. 1–21, 2023b.

KLEIN CARDOSO, S. Para desvendar o mundo bíblico: entre linhas e pressupostos. In: LEONEL, J.; CARNEIRO, M. da S. (org.). *Para estudar a Bíblia: abordagens e métodos*. São Paulo: Recriar, 2021. p. 83–111.

KLEIN CARDOSO, S. The Genesis of Iconographic Exegesis. *Currents in Biblical Research*, v. 21, n. 2, p. 178–217, 2023c.

KLETTER, R. *Just Past? The Making of Israeli Archaeology*. London: Routledge, 2006.

KNAUF, E. A. From History to Interpretation. In: EDELMAN, D. (org.). *The Fabric of History*. Text, Artifact and Israel's Past. Sheffield: JSOT Press, 1991. p. 26–64; ZEVIT, 2001.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. *The falling sky: words of a Yanomami shaman*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2013.

LATOUR, B. *We have never been modern*. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

LATOUR, B. Why has the critique run out of steam? From matters of fact to matters of concern. In: BROWN, B. (org.). *Things*. Chicago: University Of Chicago Press, 2004. p. 151–173.

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. *Laboratory life: the construction of scientific facts*. Princeton: Princeton University Press, 1986.

LEWIS, T. J. *The origin and character of God: ancient Israelite religion through the lens of divinity*. New York: Oxford University Press, 2020.

MACDONALD, N. *Deuteronomy and the meaning of monotheism*. 2nd ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2012.

MAIDEN, B. E. *Cognitive Science and Ancient Israelite Religion: New Perspectives on Texts, Artifacts, and Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

MALDONADO-TORRES, N. Transdisciplinarietà y decolonialidad. *Quaderna*, v. 3, p. 1–20, 2012.

MANDELL, A. More than the sum of their parts: multimodality and the study of Iron Age inscriptions. In: KEIMER, K. H.; PIERCE, G. A. (org.). *The ancient Israelite world*. London: Routledge, 2023. p. 348–362.

MANDELL, A.; SMOAK, J. D. The Material Turn in the Study of Israelite Religions: Spaces, Things, and the Body. *The Journal of Hebrew Scriptures*, v. 19, 2019.

MANDELL; SMOAK, 2019; PORZIA, F. “Imagine There’s no Peoples”. A Claim against the Identity Approach in Phoenician Studies through Comparison with the Israelite Field. *Rivista di Studi Fenici*, v. 46, p. 11–27, 2018.

MANDELL; SMOAK, 2019; SMOAK, J. D. Wearing Divine Words: In Life and Death. *Material Religion*, v. 15, n. 4, p. 433–455, 2019.

MASUZAWA, T. *The invention of world religions – or, How European universalism was preserved in the language of pluralism*. Chicago: University of Chicago Press, 2005.

MATORY, J. L. *The fetish revisited: Marx, Freud, and the gods Black people make*. Durham: Duke University Press, 2018.

MCCUTCHEON, R. T. *Fabricating religion: fanfare for the common e.g.* Berlin: De Gruyter, 2018.

MCCUTCHEON, R. T. The Category "Religion" in Recent Publications: A Critical Survey. *Numen: International Review for the History of Religions*, v. 42, n. 3, p. 284–309, 1995.

MEYER, 2012; MEYER, B. Religion as Mediation. *Entangled Religions*, v. 11, n. 3, 2020.

MEYER, B. *Mediation and the Genesis of Presence: Towards a Material Approach to Religion*. Utrecht: Universiteit Utrecht, 2012.

MEYERS, C. *Rediscovering Eve: ancient Israelite women in context*. Oxford: New York: Oxford University Press, 2013.

MIGNOLO, W. *The politics of decolonial investigations*. Durham: Duke University Press, 2021.

NICOLESCU, B. Transdisciplinarity: the hidden third, between the subject and the object. *Human & Social Studies. Research and Practice*, v. 1, n. 1, 2012.

NIDITCH, S. *Ancient Israelite Religion*. New York: Oxford University Press, 1997.

NISSINEN, M. Beyond Binaries: Towards an Integrative Approach in Ancient Levantine Studies. In: BIERMANN, B.; KLEIN CARDOSO, S.; PORZIA, F.; UEHLINGER, C. (org.). *Challenging Dichotomies and Biases in the Study of the Ancient Southern Levant*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2024. p. 162–173.

OLYAN, S. M. (org.). *Social theory and the study of Israelite religion: essays in retrospect and prospect*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2012.

OLYAN, S. M. *Biblical mourning: ritual and social dimensions*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

OLYAN, S. M. *Rites and rank: hierarchy in biblical representations of cult*. Princeton: Princeton University Press, 2000.

OLYAN, S. M. *Violent rituals of the Hebrew Bible*. New York: Oxford University Press, 2019.

OORSCHOT, J. van; WITTE, M. (org.). *The origins of Yahwism*. Berlin: De Gruyter, 2017.

PERSON, R. F.; REZETKO, R. (org.). *Empirical models challenging biblical criticism*. Atlanta: SBL Press, 2016a.

PERSON, R. F.; REZETKO, R. introduction: The importance of Empirical models to assess the Efficacy of source and redaction criticism. In: PERSON, R. F.;

REZETKO, R. (org.). *Empirical models challenging biblical criticism*. Atlanta: SBL Press, 2016b. p. 1-35.

PORZIA, F. Beyond Ethnicity: Outline of a Renewed Approach to the Levantine Divine Landscape. In: BIERMANN, B.; KLEIN CARDOSO, S.; PORZIA, F.; UEHLINGER, C. (org.). *Challenging Dichotomies and Biases in the Study of the Ancient Southern Levant*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2024. p. 58–78.

PORZIA, F.; BONNET, C. Divine Names on the Spot II: Exploring the Potentials of Names through Images and Narratives. In: PORZIA, F.; BONNET, C. (org.). *Divine Names on the Spot II: Exploring the Potentials of Names through Images and Narratives*. Leuven: Peeters, 2023. p. 1–25.

PYSCHNY, K. Cultural Hybridity Instead of Ethnicity: The Persian (and Early Hellenistic) Woman and Child Figurines as a Case Study. In: BIERMANN, B.; KLEIN CARDOSO, S.; PORZIA, F.; UEHLINGER, C. (org.). *Challenging Dichotomies and Biases in the Study of the Ancient Southern Levant*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2024. p. 79–96.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificacion social. *Journal of World-System Research*, v. 6, n. 2, p. 342–386, 2000.

RENAN, E. *L’islamisme et la science*. Paris: Calmann Lévy, 1883.

RHYDER, J. *Centralizing the cult: the holiness legislation in Leviticus 17-26*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2019.

RÜPKE, J. Ritual objects and religious communication in lived ancient religion: multiplying religion. In: FUCHS, M. et al. (org.). *Religious Individualisation*. Berlin: De Gruyter, 2019. p. 1201–1222.

SACHS-HOMBACH, K. *Das Bild als kommunikatives Medium: Elemente einer allgemeinen Bildwissenschaft*. 3 ed. Köln: Herbert von Halem, 2013.

SAHLINS, M. On the ontological scheme of *Beyond nature and culture*. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v. 4, n. 1, p. 281–290, 2014.

SANTIAGO, S. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHAPER, J. *Media and Monotheism*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2019).

SCHAPER, J. Problems and Prospects of a “History of the Religion of Israel”. In: SÆBØ, M. (org.). *Hebrew Bible, Old Testament: The History of its Interpretation*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2015. v. III/2: The twentieth century, from modernism to post-modernism, p. 622-641.

SHELLENBERG, J. L. *Monotheism and the Rise of Science*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

SCHILBRACK, K. Religions: Are There Any? *Journal of the American Academy of Religion*, 2010.

SCHILBRACK, K. What Isn't Religion? *The Journal of Religion*, v. 93, n. 3, p. 291–318, 2013; SCHILBRACK, K. The Concept of Religion. In: ZALTA, E. N. (org.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Summer 2022ed. Stanford: Metaphysics Research Lab, Stanford University, 2022. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/sum2022/entries/concept-religion/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

SCHMITT, R. *Die Religionen Israels/Palästinas in der Eisenzeit: 12.-6. Jahrhundert v. Chr.* Münster: Zaphon, 2020.

SCHROER, S. *Die Ikonographie Palästinas/Israels und der Alte Orient. Eine Religionsgeschichte in Bildern III: Die Spätbronzezeit.* Fribourg: Academic Press, 2011.

SCHROER, S. *Die Ikonographie Palästinas/Israels und der Alte Orient. Eine Religionsgeschichte in Bildern IV: Die Eisenzeit bis zum Beginn der achämenidischen Herrschaft.* Basel: Schwabe, 2018.

SCHROER, S. Genderforschung, altorientalische Kunst und biblische Texte. *Hebrew Bible and Ancient Israel*, v. 5, p. 132–150, 2016.

SCHROER, S.; KEEL, O. *Die Ikonographie Palästinas/Israels und der Alte Orient. Eine Religionsgeschichte in Bildern I: Vom ausgehenden Mesolithikum bis zur Frühbronzezeit.* Fribourg, CH: Academic Press, 2005; TILLY, M.; ZWICKEL, W. *Religionsgeschichte Israels: von der Vorzeit bis zu den Anfängen des Christentums.* 2. ed. Darmstadt: WBG, 2015; ZEVIT, 2001.

SMITH, W. C. *The Meaning and End of Religion.* London: Mentor Books, 1964.

SMOAK, J. D. "You have refined us like silver is refined" (Ps 66:10): Yahweh's metallurgical powers in ancient Judah. *Advances in Ancient, Biblical, and Near Eastern Research*, v. 1, n. 3, p. 81–115, 2021.

SOUSA SANTOS, B. de. *Epistemologies of the South: justice against epistemicide.* London: Routledge, 2016.

SOUSA SANTOS, B. de. Postcolonialism, Decoloniality, and Epistemologies of the South. In: *Oxford Research Encyclopedia of Literature*. Oxford: Oxford University Press, 2021.

STAVRAKOPOULOU, 2010; UEHLINGER, C. Distinctive or diverse? Conceptualizing ancient Israelite religion in its southern Levantine setting. *Hebrew Bible and Ancient Israel*, v. 4, n. 1, p. 1–24, 2015b.

STAVRAKOPOULOU, F. 'Popular' Religion and 'Official' Religion: Practice, Perception, Portrayal. In: STAVRAKOPOULOU, F.; BARTON, J. (org.). *Religious diversity in Ancient Israel and Judah*. London: T & T Clark, 2010. p. 37–58.

STAVRAKOPOULOU, F. Materialist Reading: Materialism, Materiality, and Biblical Cults of Writing. In: DELL, K. J.; JOYCE, P. M. (org.). *Biblical Interpretation and Method: Essays in Honour of John Barton*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 223–242.

STORDALEN, T. Horse Statues in Seventh Century Jerusalem: Ancient Social Formations and the Evaluation of Religious Diversity. *Hebrew Bible and Ancient Israel*, v. 4, n. 1, p. 106, 2015.

STORDALEN, T. Imagining Solomon's Temple: Aesthetics of the Non-Representable. In: MEYER, B.; STORDALEN, T. (org.). *Figuration and Sensation of the Unseen in Judaism, Christianity and Islam: Contested Desires*. London: Bloomsbury Academic, 2019. p. 21–36.

STROUMSA, G. G. *The Idea of Semitic Monotheism: The Rise and Fall of a Scholarly Myth*. Oxford: Oxford University Press, 2021.

SWENSON, E. Archaeological Approaches to Sacred Landscapes and Rituals of Place Making. In: BRUNN, S. D. (org.). *The Changing World Religion Map: Sacred Places, Identities, Practices and Politics*. New York: Springer, 2015. p. 477–502.

TIGAY, J. H. (org.). *Empirical Models for Biblical Criticism*. Eugene: Wipf & Stock, 1985.

TIGAY, J. H. Israelite Religion: the onomastic and epigraphic evidence. In: MILLER, P. D.; HANSON, P. D.; MCBRIDE, S. D. (org.). *Ancient Israelite religion: essays in honor of Frank Moore Cross*. Philadelphia: Fortress Press, 1987. p. 157–194.

TOORN, K. van der. Introduction. In: TOORN, K. van der (org.). *The image and the book: iconic cults, aniconism, and the rise of the book religion in Israel and the ancient Near East*. Leuven: Peeters, 1997. p. 15–19.

UEHLINGER, 2001; UEHLINGER, C. Neither eyewitnesses, nor windows to the past, but valuable testimony in its own right. Re-marks on iconography, source criticism, and ancient data processing. In: WILLIAMSON, H. G. M. (org.). *Understanding the history of Ancient Israel*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 173–228.

UEHLINGER, C. Approaches to Visual Culture and Religion: Disciplinary Trajectories, Interdisciplinary Connections, and Some Suggestions for Further Progress. *Method & Theory in the Study of Religion*, v. 27, n. 4/5, p. 384–422, 2015a.

UEHLINGER, C. Arad, Qitmit: Judahite aniconism vs. Edomite iconic cult? Questioning the evidence. In: BECKMAN, G. M.; LEWIS, T. J. (org.). *Text, artifact, and image: revealing ancient Israelite religion*. Providence, RI: Brown Judaic Studies, 2006a. p. 80–112.

UEHLINGER, C. Beyond “Image Ban” and “Aniconism”: Reconfiguring Ancient Israelite and Early Jewish Religion\’s in a Visual and Material Religion Perspective. In: MEYER, B.; STORDALEN, T. (org.). *Figuration and Sensation of the Unseen in Judaism, Christianity and Islam: Contested Desires*. London: Bloomsbury Academic, 2019a. p. 99-123.

UEHLINGER, C. Beyond the “Biblical World” Paradigm: Reflections on a Problematic Concept. In: BIERMANN, B.; KLEIN CARDOSO, S.; PORZIA, F.; UEHLINGER, C. (org.). *Challenging Dichotomies and Biases in the Study of the Ancient Southern Levant*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2024. p. 129–146.

UEHLINGER, C. Bildquellen und “Geschichte Israels”: Grundsätzliche Überlegungen und Fallbeispiele. In: HARDMEIER, C. (org.). *Steine, Bilder, Texte: historische Evidenz ausserbiblischer und biblischer Quellen*. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2001. p. 25-77.

UEHLINGER, C. Is the critical, academic study of the Bible inextricably bound to the destinies of theology? In: GRABBE, L. L.; KORPEL, M. C. A. (org.). *Open-mindedness in the Bible and Beyond*. A Volume of Studies in Honour of Bob Becking. London: Bloomsbury Academic, 2015c. p. 287–302.

UEHLINGER, C. Material religion in comparative perspective: how different is BCE from CE? In: ELSNER, J.; WOOD, R. (org.). *Imagining the Divine: Art in Religions of Late Antiquity across Eurasia*. London: British Museum, 2021. p.155–175.

UEHLINGER, C. Visible Religion und die Sichtbarkeit von Religion(en): Voraussetzungen, Anknüpfungsprobleme, Wiederaufnahme eines religionswissenschaftlichen Forschungsprogramms. *Berliner Theologische Zeitschrift*, v. 23, n. 2, p. 165-184, 2006b.

VIVEIROS DE CASTRO, E. *Cannibal metaphysics: for a post-structural anthropology*. Tradução: Peter Skafish. Minneapolis: Univocal, 2014.

ZEVIT, Z. *The religions of ancient Israel: a synthesis of parallaxic approaches*. London: Continuum, 2001.

Submetido: 12/03/2026

Aprovado: 09/07/2026